



## Alguns aspectos sobre a formação de professores (de Matemática) em uma região oriunda do garimpo de diamantes

### Some aspects about (Mathematics) teacher training in a region originating from the diamond mining

*Eliete Grasiela Both*<sup>1</sup>

*Ivete Maria Baraldi*<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo é recorte de uma pesquisa de doutorado que investiga a formação dos docentes que ensinavam Matemática em uma região oriunda do garimpo de diamantes, composta pelos municípios de: Baliza e Aragarças (GO) e Araguaiana, Barra do Garças, Torixoréu e Pontal do Araguaia (MT). O período vai da chegada do garimpo à região (1924) à instalação da Universidade Federal de Mato Grosso em Barra do Garças (1981). Tendo a História Oral como metodologia, cotejamos fontes orais, por nós produzidas, e outras fontes disponíveis, para constituir uma narrativa histórica sobre esse aspecto da Educação Matemática na região enfocada. Até o momento, realizamos sete entrevistas com docentes que atuaram em Barra do Garças, Torixoréu e Aragarças, além da pesquisa documental na mais antiga escola de Barra do Garças. Por meio destas ações já foi possível conhecermos alguns aspectos da formação docente na região. Este artigo, portanto, tem como objetivo apresentar alguns aspectos iniciais dos quais tomamos conhecimento até o momento, por meio da parte da pesquisa já realizada.

**Palavras-chave:** História Oral; História da formação docente; região de Barra do Garças.

#### Introdução

A História da formação de professores no Brasil tem se destacado muito em pesquisas na História da Educação ou, quando voltadas à Matemática, em História da Educação Matemática. Esses estudos possibilitam traçar aproximações entre tais formações, bem como, mostram algumas particularidades de cada período e região

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Professora do Instituto Federal de Mato Grosso, Brasil. Email: eliete.both@bag.ifmt.edu.br.

<sup>2</sup>Professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Brasil. Email: ivete.baraldi@unesp.br.

enfocada.

Após pesquisas e levantamentos bibliográficos com estudos sobre a história da formação docente em várias regiões do país percebemos diversos aspectos interessantes relativos ao tema. A partir disso, orientamos uma pesquisa de iniciação científica, na qual estudamos a formação de professores de Matemática no município de Barra do Garças, no período entorno da criação do primeiro curso em nível superior na região, em 1981. Observamos, em tal pesquisa, diversos aspectos da formação docente após a chegada de uma universidade no local, principalmente, a influência que a Universidade exerceu regionalmente, como um polo de formação de professores. No entanto, não conseguimos compreender, naquele estudo, como ocorria a formação docente regional anteriormente à chegada da UFMT em Barra do Garças. Assim, surgiu nossa proposta de pesquisa de doutorado, em que nos dedicamos a estudar a formação dos professores (de Matemática), na região conhecida localmente como região de Barra do Garças, no período prévio à instalação da Universidade no local.

Os municípios que compreendem nossa região de inquérito (Figuras 1 e 2), são, majoritariamente, de constituição relativamente recente e com características peculiares. Todos esses municípios se originaram no garimpo de diamantes, sendo que naquele período (de vigência dos garimpos) era compreendida somente por três municípios: Araguaiana (do qual se desmembrou Barra do Garças) e Torixoréu (que após divisão originou Pontal do Araguaia), em Mato Grosso (Figura 1), e Baliza (do qual teve origem Aragarças), em Goiás (Figura 2), todos às margens dos rios Araguaia e Garças.

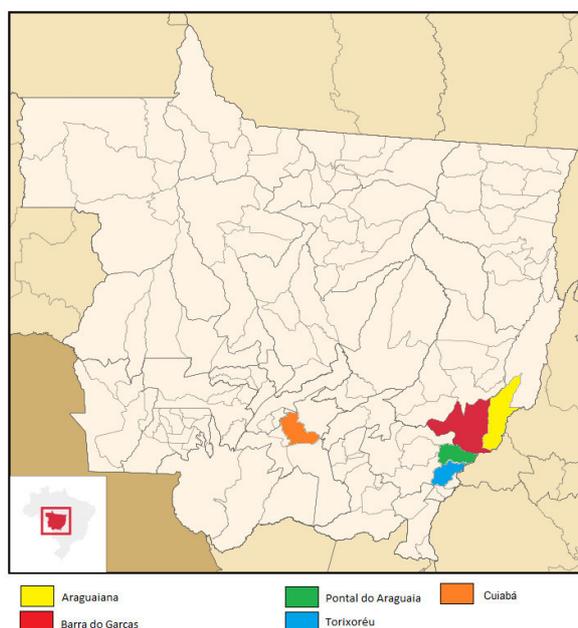


Figura 1: Municípios mato-grossenses que fazem parte da pesquisa.

Fonte: Prandi, 2013.

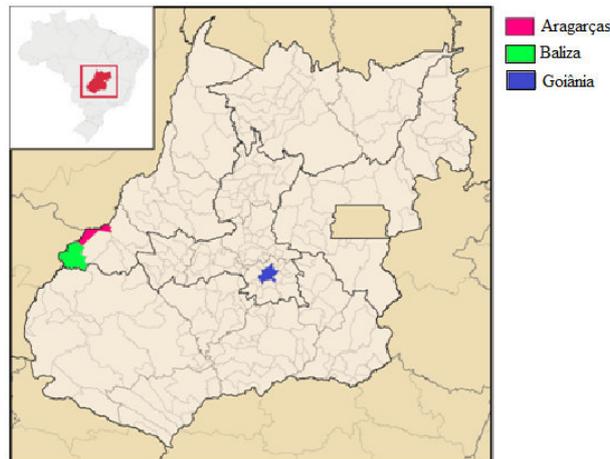


Figura 2: Municípios goianos que fazem parte da pesquisa.

Fonte: Prandi, 2013.

Conforme Valdon Varjão (2000), historiador local, a história dessa região pode ser dividida em quatro fases principais, a garimpeira, que teve seu apogeu de 1924 a 1942, período no qual um grupo de garimpeiros se instalou na região na busca por diamantes, foi a primeira delas. Esses trabalhadores construíram as primeiras casas e abriram algumas ruas, dando início aos povoados de Barra Cuiabana (atual Barra do Garças) e Barra Goiana (atual Aragarças), às margens dos rios Garças e Araguaia, nos municípios de Araguaiana – MT e Baliza – GO, respectivamente.

Um de nossos depoentes, professor Condeliz de Oliveira Farias, do município de Aragarças, filho de um garimpeiro da região, nos contou sobre o cotidiano do garimpo e os costumes de seus trabalhadores. Segundo ele, estes geralmente retiravam o cascalho do leito do rio e o amontoavam às suas margens, no entanto, por algumas vezes o próprio rio carregava o cascalho retirado e eles acabavam perdendo todo o serviço. Ele nos contou ainda, que os garimpeiros gostavam muito de jogar baralho à beira rio, jogos nos quais apostavam os diamantes que encontravam no dia de serviço. Nosso depoente ponderou que muitos enriqueceram nos garimpos do rio Garças, mas quando isso acontecia, a grande maioria retornava aos seus estados de origem, que eram, principalmente, Bahia e Ceará.

Uma depoente, do município de Torixoréu, professora Terezinha Pereira da Silva, também oriunda de família garimpeira, nos contou que os garimpeiros passavam a semana às margens do rio, onde construíam uma casinha para morarem, mas aos finais de semana retornavam à cidade para trazer os diamantes que haviam encontrado e repassar a parte do patrão, que, geralmente, era pelo menos metade do que eles tivessem encontrado. Em contrapartida, os patrões eram responsáveis pelo fornecimento de alimentos e ferramentas para o trabalho dos garimpeiros.

Outras duas depoentes, também filhas de garimpeiros, professoras Enói Cajabiara Costa Nascimento e professora Lenir Neves Gomes Viana, de Barra do Garças e Torixoréu, respectivamente, nos falaram a respeito do fim dos garimpos na região. Contaram-nos que as pedras acabaram por esgotamento, tamanha foi a exploração, pois não havia um controle do Estado para que esta não ocorresse desenfreadamente. Assim, com o conseqüente fim dos garimpos, os garimpeiros

acabaram migrando de áreas, passando a trabalhar na lavoura, criação de gado, comércio, caça ou pesca e alguns conseguiram empregos nas prefeituras dos municípios da região, que eram recém emancipados.

A Fundação Brasil Central (FBC), assume o protagonismo da segunda fase relativa ao período entre 1943 e 1964. Conforme Varjão (1980, p.62), nessa época os municípios do oeste goiano e leste mato-grossense (nossa região de estudo), com destaque para Aragarças, foram custeados por essa fundação, a qual foi instituída pelo Ministro João Alberto<sup>3</sup> e instalada em Aragarças em agosto de 1943 e a partir de então “dominou econômica e politicamente o Brasil Central, trazendo um afluxo de progresso e melhoramento à região, importando novos costumes, e até mesmo uma civilização aprimorada, inspirada nos grandes centros, através de gestos, vestimentas e da vida sócio-recreativa [sic]”.

A respeito da presença da FBC em Aragarças, um de nossos colaboradores contou que foi esta Fundação que levou para Aragarças suas primeiras carpintaria e serraria, também o serviço de Correios e Telégrafos. Conforme ele, basicamente, a cidade foi construída pela Fundação, durante o governo de Getúlio Vargas, que era seu idealizador.

Outro depoente fez alguns apontamentos com relação ao fim da Fundação Brasil Central e as consequências disso para os municípios de Aragarças e Barra do Garças. De acordo com ele, após o fim da FBC, Aragarças foi sendo esvaziada pouco a pouco, as obras da FBC, como os Correios e Telégrafos, a fábrica de tijolos, a serraria, a Biblioteca Pública, além de muitos comércios foram levados para Barra do Garças. Desse modo, Barra do Garças, começou a se destacar regionalmente até que, na terceira fase histórica destacada por Varjão, assume a posição de polo regional que conserva ainda hoje.

Essa terceira fase se refere aos projetos de incentivos fiscais que marcaram o período entre 1965 e 1973. Varjão (2000) relata que os projetos Sudam<sup>4</sup> e Sudeco<sup>5</sup> incentivavam as empresas que se instalavam na região, criando oportunidades de emprego e atraindo grandes grupos financeiros. Um de nossos depoentes ainda pondera que o crescimento de Barra do Garças, nesse período, se deve, principalmente, aos grandes investimentos e incentivos fiscais da Sudam para criação de novas indústrias, fazendas e lavouras no município (na época Barra do

---

<sup>3</sup> João Alberto Lins de Barros nomeado, em 1942, presidente da recém-criada Coordenação de Mobilização Econômica e ex-tenente da Coluna Prestes, passou, em 1943, a acumular a presidência da, também recém-criada, FBC.

<sup>4</sup> A Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam) foi criada pela Lei nº 5173, de 27 de outubro de 1966, e instalada em 30 de novembro de 1966. O primeiro superintendente foi o General Mário de Barros Cavalcante. Esse órgão atuava, principalmente, na atração de investimentos para a Amazônia, por meio do Fundo de Investimento da Amazônia (Finam) e dos incentivos fiscais. (Sudam, 2017).

<sup>5</sup> Em 1967, a Fundação Brasil Central (FBC) foi extinta e em 1º de dezembro, por meio da Lei nº 5365/67, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) - autarquia vinculada ao então Ministério do Interior, no governo Costa e Silva. Mesmo sem incentivos fiscais, a Sudeco colaborou na implementação de programas especiais para as áreas de cerrado e do pantanal mato-grossense e na integração rodoviária da região com o resto do País. (Sudeco, 2017).

Garças possuía um gigantesco território, se estendendo desde sua sede atual até a divisa com o estado do Pará, dessa maneira, estava dentro do paralelo 16, região apta a receber investimentos da Sudam).

A migração e a colonização gaúcha marcam a quarta fase histórica da região, período entre 1974 e 1985. Essa fase

[...] pode ser considerada o passo decisivo da implantação da agricultura de nível extraordinário. Foram criadas cooperativas para imigrar colonos gaúchos para a região, com o objetivo de implantar a agricultura. Foi introduzida a tecnologia no trabalho da terra, com grandes áreas plantadas. Ao longo dos anos, a pecuária moderna foi sendo introduzida e incentivada. (Varjão, 1985, p.85).

A partir disso, tomando como referência as fases destacadas por Varjão, decidimos o período sobre o qual iríamos nos debruçar em nossa pesquisa de doutorado (a partir de 1924, quando teve início a fase garimpeira na região de Barra do Garças, implicando em seus primeiros sinais de desenvolvimento urbano, até a década de 1980, quando se deu a criação de um campus da Universidade Federal no município de Barra do Garças e este passa, então, a ser um polo regional de formação docente), no que diz respeito à formação de professores (de Matemática) desses municípios. Para tanto, estamos nos valendo de fontes orais (buscando contato e entrevistas com professores que ensinaram matemática no período enfocado), bem como de pesquisas documentais e bibliográficas, prezando sempre por um cotejamento entre as fontes, de modo que seja possível escrever uma história (ou histórias) da formação de professores (de Matemática), na região de Barra do Garças.

Diante do exposto, cumpre esclarecermos que este artigo é um recorte da pesquisa apresentada, no qual trazemos o que foi possível percebermos, até o momento, sobre alguns aspectos da formação docente na região.

## Metodologia

Para o desenvolvimento de nosso trabalho de doutoramento estamos nos valendo da metodologia da História Oral. Entendemos que, por meio desta metodologia, é possível elaborarmos versões históricas para nosso objeto de pesquisa, com uma amplitude diferenciada, nos valendo dos depoimentos de nossos colaboradores, bem como, de fontes escritas, áudios, vídeos, ou outras que consigamos encontrar. Pretendemos sempre o cotejamento entre tais fontes, pois não as entendemos como opostas, mas como complementares, pois, conforme Albuquerque Jr. (2007, p.230), “haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”. Com os depoimentos, constituímos narrativas que são o suporte para o desenvolvimento da pesquisa e, assim, por meio destas, com o auxílio das demais fontes, é possível analisar nosso foco de interesse. É importante ressaltarmos que não nos valemos de diversas vertentes buscando uma checagem ou validação de informações e sim como possibilidade de “complementação, esclarecimento, compreensão de perspectivas e possibilidades” (Baraldi, 2003, p. 218).

Ao escolhermos a História Oral não temos uma metodologia “fechada”, pois em todo momento a questionamos, avaliamos e testamos, buscando encontrar

possibilidades, restrições e respaldo das ações que desenvolvemos, portanto, é “entremeada por reflexões, sistematizações, aproveitamentos e abandonos: uma antropofagia” (Garnica, 2013, p. 35).

Um dos aspectos mais marcantes da História Oral consiste na produção intencional de fontes históricas, por meio das narrativas constituídas a partir das entrevistas. Para a criação dessas fontes são considerados alguns procedimentos, que iniciam na escolha do tema e elaboração da pergunta diretriz, o que leva à busca de bibliografias e leituras relevantes ao desenvolvimento do trabalho, trazendo, ainda, possibilidades de colaboradores, os quais são escolhidos relativamente ao envolvimento, direto ou indireto, com o objeto de estudo. É prática comum no Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática – Ghoem, do qual somos membros, os depoentes serem escolhidos pelo critério de rede, em que um indica nomes de outros possíveis colaboradores, que possam auxiliar no processo de constituição de fontes.

Depois da escolha dos possíveis depoentes, faz-se um primeiro contato explicando a pesquisa a ser realizada e solicita-se a colaboração. Análises iniciais do assunto, sobre os colaboradores e acerca do que se pretende com cada um, possibilitam a elaboração dos roteiros e oferecem um nível prévio de embasamento no momento da entrevista. Tais roteiros podem ser enviados antes da entrevista àqueles que aceitaram participar, isso auxilia na rememoração, e, ainda, na procura de materiais que possam ser válidos à pesquisa. O roteiro serve como um norteador durante a entrevista, porque embora possam ser realizadas as mesmas perguntas, as entrevistas dificilmente seguem um mesmo rumo, uma vez que o entrevistado é o protagonista da direção que esta irá seguir.

Após a realização das entrevistas segue-se o próximo ciclo, a transcrição, que vem a ser o registro escrito do que foi gravado em áudio, para, depois disso, textualizar-se, ocasião em que são removidos alguns vícios de linguagem e repetições buscando uma maior homogeneidade do texto, neste momento a ordem cronológica ou temática também pode ser revista, procurando um melhor atendimento ao objeto estudado. Cabe salientar que, mesmo que algumas falas sejam suprimidas, o entrevistado precisa se reconhecer na narrativa final. As textualizações são, basicamente, desenvolvidas pelo pesquisador, logo, representam textos repletos de interpretações e vieses, sendo um movimento prévio de análise e diálogo entre entrevistador e depoente.

Finalmente, de posse de ambos os textos, transcrição e textualização, retorna-se ao depoente para que este possa verificá-los, tal conferência pode se dar pelo entrevistado somente ou acontecer junto ao pesquisador. Após essa acareação e adotadas as alterações solicitadas, o depoente assina uma carta de cessão, a qual permite, totalmente ou não, a publicação dos dados fornecidos.

Com a conclusão de todos os procedimentos, acima descritos, tem início o último passo, que é a análise formal, propriamente dita, porque entendemos que a produção de informações, somente, não finaliza a pesquisa, devendo ser feito um arremate, uma interpretação do pesquisador, a partir do que se apresenta. Porém, fazer a análise não consiste em tecer julgamentos sobre os depoentes ou testemunhos, nem procurar verdades absolutas ou preencher completamente lacunas, mas, representa uma maneira de desenvolver uma nova narrativa relativa ao tema, partindo, para tanto, dos documentos encontrados, das entrevistas,

memórias, presente e passado dos colaboradores e do pesquisador.

## **Alguns aspectos da formação de professores (de Matemática) na região de Barra do Garças**

Em Mato Grosso, a formação de professores, em nível superior, iniciou tardiamente, em comparação aos outros estados brasileiros, por exemplo, das regiões Sul e Sudeste, uma vez que a Escola Normal e a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades) eram as únicas responsáveis pela formação docente no estado até 1966 (Both, 2014). Também em Barra do Garças, antes da instalação da Universidade Federal, conforme os depoentes de nossa pesquisa, a formação docente ficava basicamente a cargo da Escola Normal, curso em nível de magistério, que era ministrado pelas freiras da congregação Salesiana<sup>6</sup>, cujas aulas aconteciam no Instituto Madre Marta Cerutti<sup>7</sup>, uma das escolas pioneiras do município e que existe até os dias de hoje.

Em 10 de dezembro de 1970 foi fundada, em Cuiabá, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e, a partir de meados da mesma década, teve início um movimento de interiorização desta Universidade. O objetivo desse movimento era expandir a formação docente em áreas específicas para que, então, os professores pudessem atuar no cenário educacional mato-grossense. Isso se deu com a fundação de câmpus em determinadas cidades, de maneira estratégica e naquelas que possuíam destaque por algum fator, no interior de Mato Grosso.

Um dos locais escolhidos foi o município de Barra do Garças, em que foi instituído, no ano de 1981, um centro educacional, o qual, a priori, denominava-se Centro Pedagógico de Barra do Garças (UFMT, 2015). A criação desse Centro Pedagógico foi regulamentada pela Resolução 13/81, do Conselho Diretor da UFMT, sendo inicialmente instituídos, pelo artigo 4º da mesma resolução, três cursos: Licenciatura Curta em Ciências<sup>8</sup>, Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, e Educação Física. No entanto, o último não chegou a ser oferecido na época (UFMT, 1981). Conforme Both e Both (2016), as primeiras turmas de Licenciatura Curta em Ciências e Licenciatura Plena em Letras iniciaram, de fato, em 1982.

O curso de Licenciatura Curta em Ciências teve ingressos, no polo de Barra

---

<sup>6</sup> As freiras da Congregação Salesiana são as responsáveis pela gestão do Instituto Madre Marta Cerutti desde sua fundação até os dias atuais. Durante o período em que o Instituto ofertou o curso Normal, também as professoras do curso eram todas freiras desta congregação.

<sup>7</sup> Escola localizada à Rua Ualapitis, 187, Centro, Barra do Garças - MT.

<sup>8</sup> As Licenciaturas Curtas em Ciências eram cursos voltados à docência de Matemática e Ciências, apenas para o Primeiro Grau, atual Ensino Fundamental II, e duravam dois anos. (UFMT, 1974). Estas foram instituídas com obrigatoriedade, em substituição às Licenciaturas Plenas em Matemática, Física, Química e Biologia, pela Resolução 30/74. (Brasil, 1974). Quem desejasse lecionar para o Segundo Grau, atual Ensino Médio, deveria cursar uma Habilitação na área específica (Matemática, Física, Química ou Biologia), a qual tinha também duração aproximada de dois anos.

do Garças, até 1987, momento em que foi convertida em duas Licenciaturas Plenas, uma em Matemática e outra em Biologia<sup>9</sup> (UFMT, 2015), conversão regulamentada pela Resolução 09/87 do Conselho Diretor da UFMT. Desde então, foram realizados vestibulares para o curso de Matemática (UFMT, 1987). Cabe destacar que durante o movimento de transição entre as Licenciaturas Curta e Plena os dois cursos existiram paralelamente, para que aqueles que iniciaram o curso de Ciências tivessem a oportunidade de concluí-lo. Como alternativa, aos alunos que estavam cursando Ciências e quisessem migrar para um dos dois novos cursos, foi permitido fazê-lo sem passarem pelo processo de vestibular.

A partir daquela pesquisa, em nível de iniciação científica, que orientamos, foi possível perceber que após a instalação desse campus da UFMT, a formação de professores na região de Barra do Garças ficou majoritariamente a cargo desta instituição. Agora, em nossa pesquisa de doutorado, estamos estudando a formação dos professores (de Matemática), na região de Barra do Garças, no período anterior à instalação da Universidade no local, buscando compreender quais eram os processos formativos dos docentes que nela atuavam com a inexistência de oferta de formação em nível superior no local. A esse respeito, foi possível observarmos algumas particularidades sobre a formação dos professores (de Matemática) que atuavam na região, em nosso período de estudo, tanto por meio da pesquisa documental que estamos desenvolvendo, quanto das entrevistas que realizamos.

A pesquisa documental foi realizada na Escola Estadual Coronel Antônio Cristino Cortes, mais antiga escola do município de Barra do Garças, que iniciou seus trabalhos em 1933 de maneira itinerante, ou seja, os professores ministravam aulas aos alunos em suas próprias casas. A escola passou a ter um espaço físico de funcionamento somente em 1949, ainda que em condições precárias, conforme registrado em documentos do arquivo da escola, e passou a ter naquele momento uma diretora, Teresa Melo Bosaipo, indicada pelo prefeito da época, Ladislau Cristino Cortes. A escola, a partir de então, recebeu o nome de Escolas Reunidas Coronel Antônio Cristino Cortes. Seu prédio próprio foi construído em 1953, tendo então uma estrutura mais propícia ao desenvolvimento das aulas e passando a chamar-se Grupo Escolar Coronel Antônio Cristino Cortes.

Uma das entrevistas que realizamos foi com o professor Condeliz de Oliveira Farias, que atuou mais efetivamente no município de Aragarças, Goiás, e deu aula durante toda sua vida docente sem a formação específica exigida que, à época, era o Curso Normal, ele possuía os cursos de Técnico em Máquinas e Motores, Técnico em Desenho Mecânico e Técnico em Contabilidade, mas estes não o habilitavam para exercer a docência. Ao chegar em Aragarças, em 1981, foi convidado a lecionar no estado e prestou uma prova para tal, mas, por não ter o curso Normal, pode concorrer somente para professor do Jardim de Infância<sup>10</sup>. No entanto, como a escola estava sem professor de Física e Matemática para lecionar no Ginásio<sup>11</sup> e

<sup>9</sup> O Conselho Federal de Educação (CFE), através da Resolução 05/78, revogou a obrigatoriedade de conversão de todos os cursos de formação de professores das áreas de Matemática, Física, Química e Biologia, para Licenciatura Curta em Ciências. (Brasil, 1978). Desse modo, retornaram, progressivamente, as ofertas das Licenciaturas Plenas nas áreas específicas.

<sup>10</sup> Nível correspondente à Educação Infantil.

<sup>11</sup> Atual ensino Fundamental II.

Colegial<sup>12</sup>, foi contratado para o cargo, sob a responsabilidade da diretora perante a Secretaria de Educação do Estado. Ele chegou a cursar dois anos de Licenciatura em Matemática, mas não conseguiu concluí-la, pois, por problemas de saúde, acabou desistindo do curso.

Outra entrevistada nossa, professora Enói Cajabiara Costa Nascimento, do município de Barra do Garças, Mato Grosso, foi professora exclusivamente de primeira à quarta série do Primário<sup>13</sup>, nível de ensino em que lecionava todas as disciplinas. Sobre a formação disponível na região em sua juventude, lembra que as opções para quem quisesse continuar os estudos após o Ginásio, eram os cursos de Técnico em Contabilidade ou o curso Normal, que era ofertado pelo Instituto Madre Marta Cerutti de Barra do Garças. Tendo ela optado pela última, começou a dar aulas antes mesmo de concluir o curso. Lecionou cerca de quinze anos apenas com essa formação, depois disso, devido às mudanças na legislação que passou a exigir formação em nível superior, cursou Pedagogia, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales<sup>14</sup>, em Jales – SP, curso no qual os alunos permaneciam duas semanas, a cada dois meses, na sede da Universidade e o restante do tempo em suas cidades de origem.

Nosso terceiro colaborador, professor Wanderlei Lucas de Freitas, reside no município de Aragarças, Goiás, e atuou durante toda sua carreira nos municípios de Barra do Garças e Aragarças. Ele cursou Escola Normal, em São José do Rio Preto, São Paulo, no Instituto Estadual de Educação Monsenhor Gonçalves<sup>15</sup>. Não chegou a cursar graduação, tendo lecionado Matemática e outras disciplinas durante toda sua carreira com os conhecimentos obtidos no curso Normal.

A quarta depoente, professora Terezinha Pereira da Silva, do município de Torixoréu, Mato Grosso, começou a lecionar apenas com curso Técnico em Contabilidade, mais tarde cursou o Magistério no próprio município, na Escola Estadual Arthur da Costa e Silva<sup>16</sup>. Lecionou somente com a formação em Magistério durante quase toda sua carreira. Quando estava prestes a se aposentar, cursou Pedagogia, em um curso de férias ofertado pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia – Univar<sup>17</sup>, em Barra do Garças. Foi professora de diversas

---

<sup>12</sup> Atual Ensino Médio.

<sup>13</sup> Atual Ensino Fundamental I.

<sup>14</sup> A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jales (Faficlel) ainda está em funcionamento e desde 2005 passou a se denominar Centro Universitário de Jales (Unijales). Atualmente localiza-se à Av. Francisco Jalles, 1851, Jales – SP. (Unijales, 2017).

<sup>15</sup> Escola existente até hoje no município de São José do Rio Preto – SP, atualmente denominada Escola Estadual Monsenhor Gonçalves e situada à Rua Dr. Prisciliano Pinto, 940, Bairro Boa Vista.

<sup>16</sup> Escola Estadual Arthur da Costa e Silva, cujo nome homenageia o ex-presidente da República, criada em 27/12/1968 pela Lei nº. 2889 D.O.E. 02/01/1969. A escola existe ainda hoje no município de Torixoréu – MT e localiza-se à Avenida Deputado Heronides Araújo, sn, Vila União. (PME – Seduc, 2015).

<sup>17</sup> Faculdade privada existente no município de Barra do Garças – MT, situada à Rua Moreira Cabral, 1000, Setor Mariano.

disciplinas para o Primário, Ginásio e Segundo Grau<sup>18</sup>, e de Matemática para a quinta e sexta série do Ginásio.

Outra professora que entrevistamos, Lenir Neves Gomes Viana, também de Torixoréu, começou a lecionar aos 15 anos de idade, quando possuía apenas o curso Primário. Cursou o Ginásio e mais tarde o Técnico em Contabilidade, em nível de Segundo Grau, durante os quais lecionava às séries anteriores à que estava cursando. Sempre lecionou Matemática para todos os níveis de ensino. Depois de vários anos atuando na docência sem formação específica, cursou Licenciatura Curta em Pedagogia, na modalidade Parcelada, no município de Barra do Garças, curso que foi ofertado pela Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), no período do Mato Grosso Uno, ou seja, anteriormente à divisão entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Já havíamos encontrado referências a esse curso em nossa pesquisa documental, na Escola Estadual Coronel Antonio Cristino Cortes e outras surgiram também na pesquisa de Gonzales (2017), seus depoentes contaram que ocorreram “Parceladas em todo o país. O Mato Grosso tinha também. Lembro que eu e outros colegas também demos aula em Barra do Garças [...]” (Gonzales, 2017, p. 319). Ainda não dispomos de maiores informações sobre esse curso, mas estamos atentos a ele em nossa pesquisa. Mais tarde nossa depoente cursou a complementação para a Licenciatura Plena em Pedagogia na Faculdade Auxillium de Lins<sup>19</sup> (FAL), em Lins – SP.

Até o momento, nos foi possível perceber que, assim como em outros trabalhos do Ghoem, em diversas regiões, devido a carência de formação específica, em nível superior, os docentes que atuavam na região de Barra do Garças, em nosso período de interesse, atuaram, em sua grande maioria, sem formações específicas. A pesquisa está em fase inicial e com certeza muitos outros dados acerca da formação dos professores que ensinavam matemática na região de Barra do Garças ainda irão se mostrar em momentos futuros.

## Referências

- Albuquerque Jr, D. M. (2007). *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc.
- Baraldi, I. M. (2003). *Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção*. 241f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- Both, B. C. (2014). *Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá – MT (1960-1980)*. 402f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) -

---

<sup>18</sup> Atual Ensino Médio.

<sup>19</sup> Faculdade Auxillium de Filosofia Ciências e Letras de Lins, faculdade privada existente desde 1954 no município de Lins – SP, localiza-se à Avenida Nicolau Zarvos 754 - 1º andar e é mantida por Missão Salesiana de Mato Grosso. (FAL, 2018).

Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

Both, E.G.; Both, B.C. (2016). Um Olhar sobre a formação de professores de Matemática na região do Médio Araguaia mato-grossense. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, XII ENEM, São Paulo, 2016. *Anais...* São Paulo – SP.

Brasil. (1974). *Resolução nº 30, de 11 de julho de 1974*. Dispõe sobre o curso de licenciatura de Ciências e fixa o respectivo currículo mínimo. Conselho Federal de Educação. Disponibilizada pelo Departamento de Matemática da UFMT de Cuiabá.

Brasil. (1978). Resolução nº 5, de 15 de junho de 1978. Adia o prazo estabelecido pela Resolução nº 37/75 e para a obrigatoriedade da conversão em Ciências nos moldes da Resolução nº 30/74. Conselho Federal de Educação. *Documenta*, Brasília, 211.

FAL. (2018). *Faculdade Auxillium de Filosofia Ciências e Letras de Lins*. Lins. Disponível em: < <http://www.ebah.com.br/faculdade-auxilium-filosofia-ciencias-letras-lins>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Garnica, A. V. M. (2013). Cartografias contemporâneas: mapa e mapeamento como metáforas para a pesquisa sobre a formação de professores de Matemática. *Alexandria- Revista de Educação em Ciências e Tecnologia*. Florianópolis, v. 6, n.1, p. 35 – 60.

Gonzales, K. G. (2017). Formar Professores que Ensinam Matemática: Uma história do movimento das Licenciaturas Parceladas no Mato Grosso Do Sul. 2017. 534 f. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru.

Prandi, J. (2013). *Mapas de Mato Grosso e Goiás*. Disponível em: <<http://mapasblog.blogspot.com.br/2011/12/mapas-do-mato-grosso.html>>. Acesso em: 15nov. 2016.

Sudam. (2017). *Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia*. 2017. Disponível em: <<http://www.sudam.gov.br/index.php/institucional?id=87>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

Sudeco. (2017). *Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste*. Disponível em: <<http://www.sudeco.gov.br/web/guest/historico>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. (1974). *Resolução do Conselho Diretor nº 82, de 02 de dezembro de 1974*. Cuiabá – MT. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=579&ano=1974&tipoUID=1>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. (1981). *Resolução do Conselho Diretor nº 13, de 27 de janeiro de 1981*. Cuiabá – MT. Disponível em:

<<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=1108&ano=1981&tipoUID=1>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. (1987). *Resolução do Conselho Diretor nº 09, de 13 de fevereiro de 1987*. Cuiabá – MT. Disponível em: <<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.resolucao/OpenResolucao.aspx?resolucaoUID=2575&ano=1987&tipoUID=1>>. Acesso em: 15 mai. 2016.

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso. (2015). *Campus universitário do Araguaia - UFMT: histórico*. Barra do Garças. Disponível em: <<http://araguaia.ufmt.br/?pg=historico>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

Unijales, (2017). *Centro Universitário de Jales: Histórico*. Disponível em: <<http://www2.unijales.edu.br/?require=Paginas&pg=Conteudo&codigo=19>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

Varjão, V. (1980). *Barra do Garças no Passado*. Brasília: [s.n.].

Varjão, V. (1985). *Barra do Garças: Migalhas de sua História*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico.

Varjão, V. (2000). *Janela do Tempo: Homenagem ao passado*. Barra do Garças: [s.n.].